



Património Cultural

O vocábulo Sintra nasceu muito provavelmente da palavra *Cynthia*, símbolo da lua na mitologia céltica. Os romanos chamavam-lhe *Mons Lunae*, o monte da lua.

Na região onde hoje se localiza o PNSC deparamo-nos com vestígios dos primeiros homens do Paleolítico. Este território foi posteriormente ocupado por povos de diferentes culturas, que se fixaram quer nos cumes da serra, quer em povoados junto ao litoral, desfrutando do contacto com o oceano.



Casal saloio

Durante cerca de doze séculos, romanos, visigodos e árabes, deixaram marcas profundas no *modus vivendi* das populações que se lhes seguiram. Alguns dos seus traços são ainda observáveis em estruturas rurais, tais como o casal saloio, os sistemas de moagem tradicional (moinhos de vento e azenhas), os sistemas de captação de água, fontes e fontanários.

Paralelamente a uma sociedade rural que ocupou os solos mais férteis e planos, desenvolveu-se na Serra de Sintra um outro costume, - a nobreza descobre os encantos deste território. Sobretudo a partir do século XIX, transforma parte da valência agrícola que as suas quintas e palácios representavam, em espaços de lazer e recreio, características que se mantêm até hoje.



Convento dos Capuchos

Os casais saloios, moinhos e azenhas são dos elementos mais significativos da arquitectura popular, reflectindo uma estrutura social, suportada por uma economia rural, marcada fundamentalmente pela subsistência. Descrevem-se a seguir exemplos elucidativos das diversas tipologias arquitectónicas que encontramos no Parque Natural de Sintra - Cascais.

O casal saloio é um conjunto construído, simples e rural, com valência agrícola. Localizado fora dos aglomerados urbanos, é constituído por uma unidade principal destinada à habitação, geralmente de dois pisos, e anexos para a lavoura, (estábulos, currais, adegas, forno e lagar).

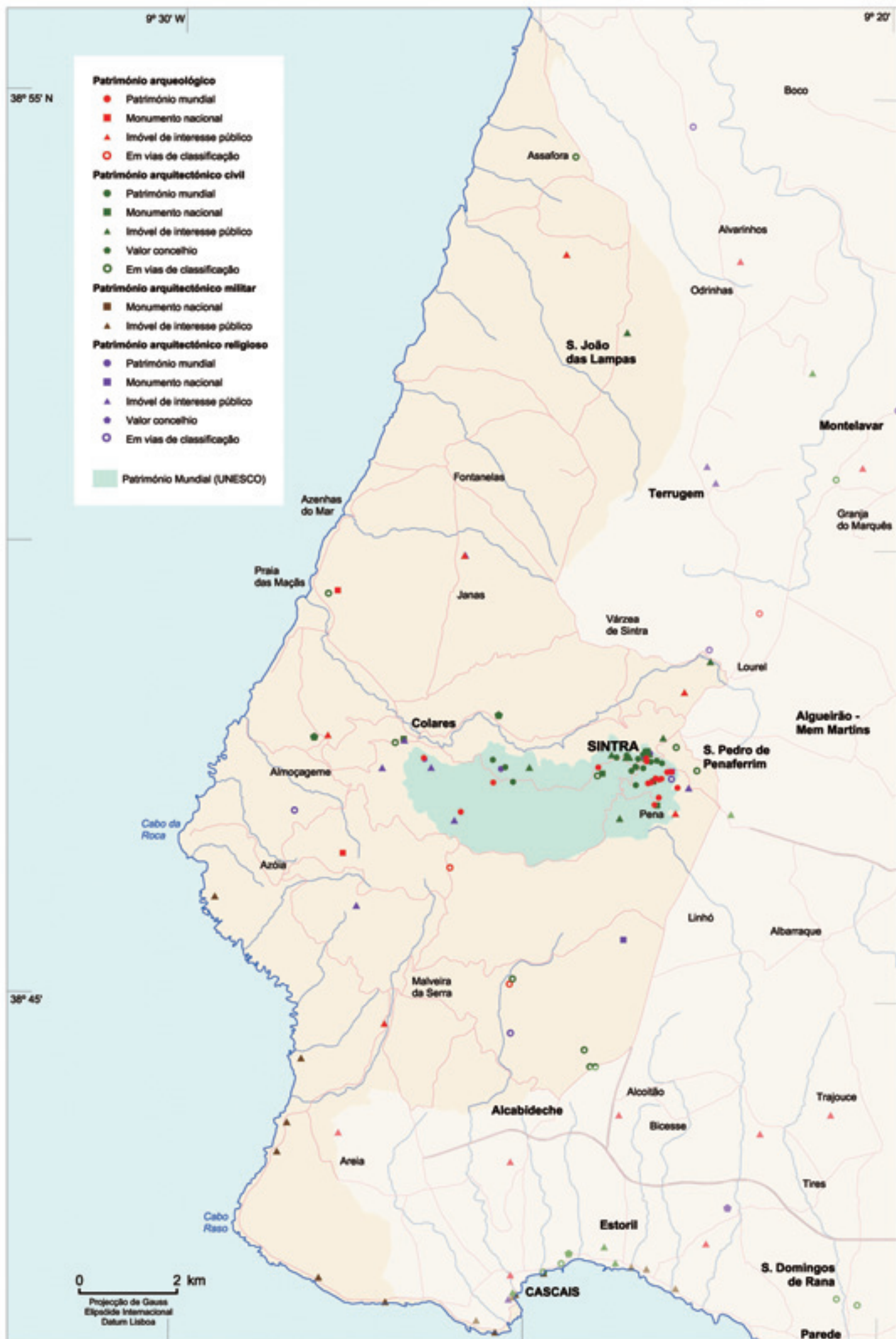
De origem oriental, os moinhos de vento existentes nesta zona e em toda a Estremadura, classificam-se tecnologicamente em moinhos de vento de torre fixa e



Moinho recuperado de S. João das Lampas

tejadilho rotativo com sistema de tracção por meio de sarilho interior. As azenhas, sistemas de moagem accionados pela força da água, designam-se por azenhas copeiras de roda vertical com propulsão superior à frente. Tal como os moinhos, foram progressivamente desactivadas e estiveram ao abandono. Actualmente, a grande maioria está transformada em habitações de carácter permanente ou periódico, ainda que subsistam moinhos abandonados. Mantém-se em funcionamento o moinho recuperado pelo PNSC em S. João das Lampas.

A arquitectura religiosa é uma forma de manifestação cultural e artística, tenha ela uma expressão erudita ou popular, que de certa forma caracteriza e identifica uma região no que tem





de mais simbólico, se considerarmos as lendas que se associam aos locais, às festas e aos cultos. De acrescentar que as capelas e ermidas existentes no concelho de Cascais estão relacionadas com as edificações militares de defesa que pontuam o litoral desde Lisboa.



Palácio da Pena

As quintas, parques e palácios existentes estão intimamente ligados a espaços e tempos de ócio da nobreza, a intensas vivências culturais e artísticas, que encontraram maior relevo no século XIX. Destes destacam-se:

O Parque da Pena, de características marcadamente românticas, foi construído por ordem do Rei D. Fernando II (1816-1885). Recusando a rigidez formal dos jardins clássicos e considerando o acidentado do relevo, a fertilidade do solo, a singularidade climática da serra e o carácter dos horizontes, o parque foi planeado de modo a se aparentar com uma ideia de naturalidade quase perfeita.

Projectou lagos ligados entre si por cascatas e importou, para as florestas e matas que imaginou, plantas de espécies representativas de vários pontos do mundo, a par de exemplares portugueses, num total de mais de duas mil espécies. Para além do palácio, no Parque da Pena

encontramos ainda pavilhões, fontes e bicas, pequenos recantos e miradouros.

O Parque de Monserrate deve o seu nome à suposta construção na Quinta da Boa Vista de uma pequena capela votiva a Nossa Senhora de Monserrate, réplica da imagem em madeira de uma Nossa Senhora negra, venerada no Eremitério Beneditino de Monserrat, na Catalunha, em Espanha.

Em 1856, Monserrate é adquirida pelo inglês Francis Cook, que transforma a quinta num dos principais jardins exóticos da era vitoriana. Cria cenários contrastantes, que se sucedem ao longo de caminhos sinuosos, por entre grutas, ruínas, recantos, cascatas e lagos.

Assim, e contando sempre com a presença das espécies da flora espontâneas em Portugal (medronheiros, azevinhos, sobreiros, entre outros), organiza o jardim com colecções de plantas de espécies oriundas dos cinco continentes.



Parque de Monserrate

Monserrate foi propriedade da família Cook até 1947, altura em que é comprada pelo Estado português. Em 1978 é classificado como Imóvel de Interesse Público.

Após a Restauração, foi delineada uma estratégia defensiva da barra do Tejo. Ao longo da costa, desde a ponta do Espinhaço até Lisboa, foram construídas pequenas fortificações que cruzavam fogo entre si, defendendo os areais, possíveis focos de desembarques das armadas inimigas.

No concelho de Sintra sentimos a presença marcante do Castelo dos Mouros. Recuperado no século XIX por D. Fernando, segundo os cânones do Romantismo, é uma construção muçulmana, provavelmente do século VIII ou IX. Dentro do perímetro das muralhas encontra-se uma cisterna do século XIII.

A UNESCO incluiu, a 6 de Dezembro de 1995, Sintra na Lista de Sítios do Património Mundial, com a categoria de Paisagem Cultural, o que veio reforçar a importância desta região no contexto internacional.



Castelo dos Mouros

